



ENSAIO DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA SOBRE A FOME NO BRASIL: a arte que manifesta a fome

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2023.40668>

SARAH SANTOS DA COSTA; VITÓRIA MARIA DE OLIVEIRA; VALBER DOS SANTOS SILVA; LUCAS SCARDINI NEVES;
RAONY PEGORETTI RODRIGUES; THAMIRES CANTALEJO FONTOURA; FLÁVIA VITORINO FREITAS*

RESUMO: Ao contextualizar a fome brasileira sob um olhar de descobertas criativas e humanizadas, surgiram expressões artísticas rerepresentando o tema por meio de uma outra lente: a arte. Os apelos urgentes dos famintos constituem desafio para os sistemas alimentares e, especialmente, no que se refere ao acesso livre e permanente à alimentação de qualidade e em quantidade suficiente – (in)Segurança Alimentar e Nutricional. Neste ensaio, utilizou-se de aspectos socioculturais, científicos e artísticos como inspiração, rerepresentando a fome através da expressão artística, resultando em dois produtos: um cordel e uma poesia sonora. O cordel, gênero literário com métrica, rima e oração, expressa a indagação da fome no título “Me diga por quê?”. A poesia sonora “Como tem fome?”, essencialmente oral e experimental, resulta em reflexões e manifestações. O ensaio trouxe à tona a sensibilidade dos autores, aproximando ciência e arte, trazendo responsabilidade de embasar-se nas inspirações, deixar fluir e sustentar a própria criação.

PALAVRAS-CHAVE: Fome. Expressão Artística. Arte. Segurança Alimentar e Nutricional.

Artistic expression essay on hunger in Brazil: the art that manifests hunger

ABSTRACT: By contextualizing Brazilian hunger from a perspective of creative and humanized discoveries, artistic expressions emerged re-presenting the theme through another lens: art. The urgent appeals of the hungry constitute a challenge for food systems and, especially, with regard to free and permanent access to quality food in sufficient quantity – Food and Nutrition (In)Security. In this essay, sociocultural, scientific and artistic aspects were used as inspiration, re-presenting hunger through artistic expression, resulting in two products: a string and a sound poem. Cordel, a literary genre with meter, rhyme and prayer, expresses the question of hunger in the title “Tell me why?”. The sound poem “Como tem fome?”, essentially oral and experimental, results in reflections and manifestations. The essay brought out the authors’ sensibility, bringing science and art closer together, bringing responsibility to base oneself on inspirations, letting it flow and sustaining one’s own creation.

KEYWORDS: Hunger. Artistic Expression. Art. Food and Nutrition Security.

* Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Introdução

Começamos este ensaio resgatando a denúncia do médico e geógrafo pernambucano Josué de Castro, autor do clássico “Geografia da Fome”, publicado em primeira edição no ano de 1946, quando retratou o fenômeno avassalador da fome no Brasil, referente aos quinze anos anteriores à sua publicação. Segundo Castro (1984), no Brasil: “Metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come”.

Tal frase de Castro causa-nos impacto em seu formato imagético, que nos leva a pausar a leitura e instiga-nos a refletir sobre um tema paradoxal no que se refere ao antigo histórico e atual. Ao mesmo tempo, um tema complexo, de causalidade e consequências, do seu passado à contemporaneidade.

Brevemente contextualizando, no Brasil de hoje, a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), lei nº 11.346 de 15 de setembro de 2006, institui o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) e visa garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA).

De acordo com a LOSAN, a definição de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) traduz-se no direito de todos ao acesso regular e permanente a uma alimentação de qualidade e em quantidade suficiente, sem qualquer interferência a outras necessidades básicas, tendo em vista hábitos alimentares que compactuam com a promoção da saúde, com a diversidade cultural, com a sustentabilidade e que seja econômica e socialmente sustentável (BRASIL, 2006).

A classificação de SAN ou Insegurança Alimentar e Nutricional (INSAN), é tida em quatro níveis, a saber: SAN ou ausência de INSAN; INSAN: caracteriza-se pela preocupação ou incerteza, quanto ao acesso aos alimentos no futuro e a qualidade do que é consumido; INSAN moderada: definida como a redução quantitativa de alimentos entre adultos e/ou interrupção nos padrões de alimentação entre estes; INSAN grave: quando há redução quantitativa de alimentos também entre as crianças, esta é caracterizada pela falta de alimentos entre todos os moradores do domicílio e, neste

último cenário, a fome é uma realidade dentro do núcleo familiar (IBGE, 2020). Portanto a fome, de acordo com o IBGE, é caracterizada pela falta de alimentos no ambiente domiciliar, causando uma ruptura no padrão alimentar de todos os moradores (IBGE, 2020).

Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (REDE PENSSAN), mais de 33 milhões de pessoas estão em situação de fome, o que significa INSAN grave. Sabemos que com a pandemia Covid-19, a situação da fome no Brasil foi alavancada, saindo do já absurdo número aproximado de 19,1 milhões de brasileiros que não tinham o que comer no final de 2020 e ultrapassando os 33 milhões em 2022 (REDE PENSSAN, 2022). O II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, realizado REDE PENSSAN, traz ainda a impactante prevalência de quase 60% da população com algum grau de INSAN. Infelizmente, condiciona-nos a resgatar e refletir ainda mais a citação de Castro (1984), de que “Metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come”.

Neste contexto, a fome apresenta-se além da sensação fisiológica e nos traz a imagem de escassez de alimentos e violação de um direito humano básico: o Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável (DHAA). Este direito vem se construindo e consolidando ao longo do tempo e os tratados internacionais de direitos humanos consideram duas dimensões indivisíveis: o direito de estar livre da fome e da má nutrição e o direito à alimentação adequada. Segundo a Associação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (ABRANDH), a realização do DHAA requer a adoção de políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição, acesso, consumo de alimentos seguros e de qualidade, promoção da saúde e da alimentação adequada e saudável em todos os níveis federativos (ABRANDH, 2013). A Organização das Nações Unidas (ONU) apontou para o Brasil 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, considerados ambiciosos e interligáveis, os quais abordam os principais desafios de desenvolvimentos enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo. Dentre estes objetivos, podemos destacar “a erradicar a pobreza em todas as formas e em todos os lugares” e “erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável” (ONU BRASIL, 2023).

Não há dúvidas de que o DHAA começa pela luta contra a fome, mas não deve se limitar por aqui. A garantia deste direito vai além do suprimento das necessidades fisiológicas, nutricionais e de energia, vai além de uma alimentação equilibrada nutricionalmente, porque envolve Soberania Alimentar, a qual relaciona-se ao direito dos povos de decidir sobre o que produzir e consumir, respeitando-se a autonomia e as condições de vida e trabalho de camponeses e agricultores familiares, o que se reflete na produção de alimentos adequados à cultura local, seguros, de qualidade, ambientalmente sustentáveis, valorizando e protegendo a biodiversidade brasileira.

Por esse motivo, para a construção do ensaio, buscamos previamente ampliar as reflexões em contexto amplo, envolvendo aspectos socioculturais, econômicos, científicos e artísticos. A abordagem do tema envolvendo leitura, estudo, discussão científica e, especialmente, filosófica, sobre “a causa da fome” ou “o que a fome causa” nos instigou, mas também nos trouxe angústia e desmotivação. Refletir sobre um sistema social imposto, que gera fome, e sobre a fome, que gera o caos social, sendo este um ciclo social vicioso, nos causando medo e esgotamento.

E foi, a partir de tal ponto de exaustão, que nos surgiu a necessidade de retrabalhar a lente para continuar a enxergar e enfrentar o tema, com toda a sua dureza. Havia sim a necessidade de continuar a exploração científica, mas para isso era preciso buscar outras vestimentas antes de prosseguir. A seguir traduzimos, através das nossas lentes, o retrato da fome segundo aspectos: 1. Socioculturais; 2. Econômicos; 3. Científicos.

Destrinchando o processo – parte 1: O retrato social e cultural da fome

A fome é muito mais do que uma sensação fisiológica, ou seja, não se traduz unicamente numa necessidade de comer. Segundo Valente (2003), a fome é também definida como “(...) as formas mais brutais de violência do ser humano, ligadas à pobreza e à exclusão social”. A fome causa revolta, indignação, torna o indivíduo frágil, traz medo consigo, traz raiva, vulnerabilidade individual e social. Eis um estado que mescla dureza e fragilidade e que nunca se apresenta só, a fome tem companhias indesejáveis. Não pode ser tratada como uma mera sensação, mas é sentida na pele, é sentida na mente, é sentida no estômago, expande-se por todo o corpo, ultrapassa barreiras, atinge todas as raças, sexos, idades, nações. A fome gera súplicas por manifestações diretas ou

indiretas, pelo direito exclusivo de uma digna forma de ter vida, condicionando historicamente a jornada do brasileiro. A corrida de quem tem fome na sociedade brasileira é um ponto urgente que apela a todos, famintos e seres já comensais, separados pela desigualdade de informações e opções que acarretam no estado de escassez e violação de direitos humanos.

Trazendo novamente o primeiro dos dezessete objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU: “fome zero e agricultura sustentável”, percebemos nitidamente a questão da intersectorialidade que envolve a erradicação da fome e o alcance da SAN, uma vez que se propõe metas ousadas e necessárias de, até 2030: dobrar a produtividade agrícola, bem como a renda de pequenos produtores, especialmente de agricultores familiares, das mulheres, dos povos indígenas, pastores e pescadores. Propõe-se ainda garantir sistemas de produção de alimentos sustentáveis, visando a manutenção de ecossistemas e a melhor adaptação às mudanças climáticas (ONU BRASIL, 2023).

Sabemos que o desenvolvimento da agricultura sustentável, sem insumos químicos, pautada nos saberes e métodos tradicionais de manejo e gestão ambientais acumulados ao longo de muitas gerações constitui-se como base de um modelo agroecológico de produção. A diversidade alimentar e cultural configura-se de modo central para a agroecologia e para a SAN (ABRANDH, 2013), entretanto, infelizmente vem se perdendo com a massificação dos hábitos alimentares errantes e a diminuição da diversidade de alimentos, causada pelo avanço produção agrícola, conduzidas pelo agrotóxico pautada pela monocultura e uso de agrotóxicos.

Além disso, a cultura e a ideologia hegemônica, que nos é apresentada pelo mercado e pela grande mídia, incute-nos uma estrutura moldada como única realidade possível, de modo que tendemos a achar que o “normal” é o uso de agrotóxicos e a alimentação massificada e que o “alternativo” é a agroecologia e a alimentação saudável.

Vejamos o exemplo de como nossa sociedade tem se mantido historicamente alheia quanto às questões socioculturais e ambientais da nossa Amazônia, onde temos hoje um acumulado de perdas ambientais, redução da diversidade e o nível em que chegamos de desorganização do bioma, o que reflete em alterações climáticas consideráveis em nível mundial. Povos tradicionais indígenas, quilombolas, populações ribeirinhas, camponeses amazônicos, além de outros grupos vêm sofrendo com projetos públicos e privados focados no “progresso” da Amazônia, tendo suas formas de vida e

convivência desestabilizadas pelos efeitos sociais e econômicos que têm sido priorizados (GOMES; SILVA; MONTE-MÓR, 2021).

Como um fenômeno social, a alimentação não se restringe a ser uma resposta ao imperativo de sobrevivência. Daí a diferenciação radical entre alimento e comida, justamente porque a segunda, transformada e diferenciada pela cultura, se destacaria como elemento marcador de identidades e territórios. A característica cultural de cada indivíduo pode ser definida a partir do que ele ingere e do que ele coloca sobre a mesa todos os dias (DA MATTA, 1987).

Segundo Maciel (2005), na alimentação humana, natureza e cultura se encontram e uma das dimensões desse fenômeno é a que se refere à construção de identidades sociais e culturais. Neste processo, a comida, como um dos elementos culturais, pode se transformar em marcador de identidade, apropriada e utilizada pelo grupo como símbolo de uma identidade reivindicada. Indo mais além de sua dimensão biológica, a alimentação humana como um ato social e cultural faz com que sejam produzidos diversos sistemas alimentares. Na constituição destes sistemas, intervêm fatores de ordem ecológica, histórica, cultural, social e econômica, que implicam representações e imaginários sociais envolvendo escolhas e classificações. Assim, estando a alimentação humana impregnada pela cultura, é possível pensar nos sistemas alimentares como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza.

Neste contexto, percebemos a questão econômica atrelada à questão sociocultural. Uma das figuras mais representativas dos mundos indígenas das Américas, Davi Kopenawa Yanomami, quando questionado por um grupo de pesquisadores se seria possível a convivência entre o mundo da economia e o mundo da ecologia, diz que: “Economia. Vocês falam economia, né? Economia é comida! Në ropë, në ropë a! Economia que está na floresta, que está na parte da terra.” (YANOMAMI, 2021, p. 40).

Destrinchando o processo – parte 2: O retrato econômico da fome

O passado histórico, marcado pela hostilidade do processo de colonização, produziu um ambiente de difícil progresso econômico familiar que mantém os níveis sociais durante gerações, sendo, a fome, a consequência desta luta (CASTRO, 1984). Segundo Castro (1984) e Valente (2003), a fome não pode

ser compreendida como apenas uma necessidade da natureza humana que deve ser satisfeita, porque a fome não se resume apenas à falta de comida, mas também ao acesso à alimentos de qualidade e em quantidade, de modo permanente, conferindo o DHAA.

O trabalho pioneiro de Josué de Castro deu partida ao debate sobre o problema da fome e pobreza no Brasil, tendo sido o primeiro intelectual a denunciar a fome como produto da ineficiência da economia e do subdesenvolvimento, que perpetuava as péssimas condições de vida e de alimentação de grande parte da população brasileira, de maneira perversa, constituindo um cenário nacional entre as décadas de 1930 e 1970.

A evolução histórica do conceito de SAN em âmbito internacional e também no Brasil, nos mostra que durante a Primeira Guerra Mundial, o termo segurança alimentar tinha relação com a capacidade de cada país produzir sua própria alimentação. Já a partir da Segunda Guerra Mundial e, principalmente em 1945, com a constituição da Organização das Nações Unidas (ONU), o conceito ganha força na questão do acesso ao alimento de qualidade como um direito humano. Entretanto, a fome era justificada com a questão da insuficiente disponibilidade de alimentos, quando foram instituídas iniciativas de promoção de assistência alimentar utilizando-se dos excedentes de produção dos países ricos. Havia o conceito de que a insegurança alimentar decorria de uma produção insuficiente de alimentos nos países pobres. Nesse contexto, a chamada Revolução Verde surgiu como uma experiência para aumentar a produtividade de alguns alimentos, porém fundamentada no uso de sementes de alto rendimento, fertilizantes, pesticidas, irrigação e mecanização. Tudo isso associado ao uso de novas variedades genéticas, fortemente dependentes de insumos químicos. O aumento da produção de alimentos do planeta cresceu muito além do aumento da própria população mundial, porém a elevação da oferta de comida resultante dessa experiência não foi acompanhada pelo declínio da fome no mundo, como se prometia (ASBRANDH, 2013). A partir dos anos 1980, os excedentes de produção agrícola e aumento dos estoques de alimentos resultaram na queda dos preços e esses excedentes foram colocados no mercado sob a forma de alimentos industrializados. E, ainda assim, houve a continuidade da fome (VALENTE, 2003).

O fato é que da Revolução Verde surgiram as terríveis consequências ambientais, econômicas e sociais, como a redução da biodiversidade, menor resistência a pragas, êxodo rural, contaminação do solo e uso abusivo de agrotóxicos.

A fome que persiste através dos tempos e assola diversas regiões do mundo relaciona-se também com a falta de acesso à terra para produção, com a insuficiência de renda para comprar alimentos. Logo, a disponibilidade de alimentos mais baratos e de qualidade é imprescindível para o cuidado e retratação da fome estabelecida e mantida historicamente pela desigualdade socioeconômica no Brasil (VALENTE, 2003).

Ademais, nos dias de hoje, o modelo econômico predominante no mundo atua para fortalecer o lobby, nos poderes legais constituídos, das indústrias de produtos alimentícios. Dessa forma, observamos que o ciclo da fome tende a se estender sustentado pela estrutura de classes, vista com evidência nos países em desenvolvimento como o Brasil.

Destrinchando o processo – parte 3: A ciência no enfrentamento da fome

No contexto científico, entende-se que a falta de acesso regular e irrestrito aos alimentos em qualidade e quantidades suficientes tem sido frequentemente pontuado em vias atuais, tanto na construção contínua de conceitos, desenvolvimento e consolidação de políticas públicas, quanto nas estatísticas que avaliam a prevalência da fome em diversos momentos e contextos históricos brasileiros (BRASIL, 2006; IBGE, 2020; REDE PENSSAN, 2021).

Distinguida por um grau de alta certeza, a visão comum de ciência é considerada proveniente de teorias, métodos, técnicas e produtos, que nos contam com aprovação geral, partindo de uma observação. O sucesso existe de um “método” especial, uma “receita”, de uma “métrica” que, quando seguida, redundando em conhecimento certo, seguro (CHIBENI, 2022). Sendo chave para vários caminhos, a ciência pode ser vista como um importante mecanismo para trazer luz ao problema da fome e propiciar a sua melhor compreensão. Além disso, a ciência configura-se como um instrumento de alto impacto na luta pela

redução da INSAN e, conseqüentemente, pela garantia do DHAA.

A sensação fisiológica imposta pelo organismo perante as necessidades nutricionais necessárias, nos apresenta o estado de fome num contexto biológico e este estado ainda constitui um desafio para sistemas alimentares, para a produção, a distribuição, o preparo e o consumo dos alimentos. Segundo Preiss e Schneider (2020), há diversos fenômenos indicando que o modelo convencional de sistemas alimentares está esgotado, como as mudanças climáticas e a obesidade. Garantir alimentos suficientes à sobrevivência poderia cessar a fome fisiológica, mas ainda é preciso nutrir-se, é preciso sentir prazer, e estas necessidades nos apresentam um estado de fome num contexto de saúde. Somando a questão do acesso dificultado ao alimento, acrescenta-se o aspecto social ao estado de escassez, comprometendo o alcance da idealização de uma alimentação adequada e saudável com promoção e manutenção da SAN, conforme proposta do Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014).

O desafio de romper com a fome, erradicando-a de todas as formas, é bastante ousado, precisaríamos romper com o sistema imposto através dos tempos e unir forças sociais para encontrarmos caminhos que permitissem o acesso universal às práticas alimentares adequadas e saudáveis, a erradicação da escassez, da desigualdade de acesso, seria avançarmos na garantia do DHAA, na promoção da SAN, na promoção da Soberania Alimentar (BRASIL, 2014; UNICEF, 2021).

A exaustão que a fome nos causa

diante tal desafio e, ainda mergulhados no processo de entendimento das inúmeras dimensões da fome, nossos estudos se passaram por vários contextos, sem terem se esgotado, é claro. A busca pela compreensão ao tema é um caminho longo a ser percorrido e que, em muitos pontos, nos deparamos com o cansaço e com o desânimo, porque queremos solução. Conseguimos nos erguer e retomar, por vezes sem ânimo, de forma cíclica, mas necessária. Num dado momento, precisamos PAUSAR. Na pausa nos deparamos com a ARTE! Decidimos experimentar, retrabalhar a lente, recorreremos à ARTE!

Arte e expressão artística

Segundo Ocvirk et al., (2014), “qualquer habilidade criativa e variável pode ser classificada como arte”, e complementa “para uns, uma obra de arte é alcançada somente quando a criação ultrapassa a simples função ou utilidade e assume mais do que o significado comum”. Já Gombrich (2000), em *A História da Arte*, define que “nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte. Existem somente artistas”. Assim, pode ser difícil para um artista definir a própria arte, pois é a expressão do que o próprio artista não seria capaz de dizer de uma outra forma, é auto apresentável, não precisa de explicações.

A arte e suas formas de demonstrações, para Morin (1966), apresenta como os murmúrios do mundo, conjunto complexo de normas, símbolos e imagens invasoras da intimidade de cada um, levando a instintos e vias de emoções, sendo, por consequência, natural do homem demonstrar, expressar a criatividade como representativo do mundo e comunicação. Já, para Covaleski (2012), as formas de expressões artísticas, as artes e a comunicação constroem, além de imagens, imaginários híbridos, algo não classificável, de modo estanque como provenientes ou pertencentes a um único gênero artístico ou comunicativo. A mescla de algumas artes em um mesmo trabalho, forma de expressão artística, gera uma obra de arte como um meio, para alcançar não o que é belo, plausível, mas sim o que é real e questionável.

Temos diferentes definições do que seria “a arte”, sendo que cada autor, cada artista define sua própria arte. Observamos que não é possível limitar a arte como uma visão única, assim como não é possível limitar “a comida”, “a alimentação”, “a fome” como apenas uma concepção, sendo expressões que trazem a necessidade de uma construção conceitual evolutiva.

A arte é produzida pela necessidade de expressão que o ser humano possui, esta pode ocorrer de diferentes formas, como a pintura, a literatura, a música, entre outras representações, as quais são conhecidas como formas de expressão artística, a qual se constitui, portanto, de uma construção humana. A expressão artística pode ainda ser a forma pela qual o homem representa o seu meio social. As expressões artísticas são originadas em ambientes em que o indivíduo se encontra livre para expressá-las através de suas produções (BIESDORF, 2012).

A pausa que buscamos para seguir

Retomando a história – Por que falar da fome através da arte?

Primeiramente, desconstruir a pobre caracterização de que a alimentação é apenas um processo biológico, desmontar o conceito de que comemos porque apenas temos fome, de que comemos apenas por nutrientes, por energia, de fato é uma necessidade básica que possuímos, mas nos enganamos em pensar que se trata apenas disso. Assim, como uma música, uma pintura ou um verso que seja, não são apenas letras, não são apenas cores.

Tal conceito faz com que tenhamos uma visão, que perto do real significado da relação do homem com a alimentação que, por vezes, se minimiza, tornando a alimentação e o próprio alimento objetos de pouca significância. Ao trazermos a história da antropologia da alimentação à luz da reflexão filosófica, podemos refutar a ideia simplista e elevar a alimentação ao processo mais que vital ao ser biológico, como um ato cultural, social e, por que não, artístico? Para Amon e Menasche (2008), a alimentação envolve práticas, como a seleção, manipulação e modo de preparo, que manifestam escolhas e concepções de uma comunidade e grupo social e, assim, expressam uma cultura.

O desenvolvimento da expressão artística

Cordel

O Cordel é um gênero nascido em terras europeias, chegou em terras brasileiras com os colonizadores no século XIX (ASSIS et al., 2012). A literatura do Cordel não diz respeito apenas a um gênero literário, mas se caracteriza também como uma forma de linguagem e expressão. O cordel possui características como a métrica, a rima e a oração, acompanhados de ilustrações características, as xilogravuras, como forma de ilustrar as histórias contadas. Atualmente possui tamanha importância na cultura brasileira, tendo sido declarado Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, em 2018, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (BRASIL, 2022).

Neste ensaio, enquanto expressão artística, criamos o cordel intitulado “Me diga por quê?” (Figura 1), em um contexto representativo do tema da fome. Inspiramo-nos em ferramentas como música, reportagem, documentário e aspectos culturais de nosso país, visto que o gênero literário possui raízes fortes nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. A primeira ferramenta utilizada: música “Senhor Cidadão”, de composição do músico baiano Tom Zé, no ano de 1972, nos trouxe inspiração para os versos proclamados neste cordel, devido à sua melodia e canto cheio de traços expressivos, entoados em versos pequenos, se comparado à dimensão que estes representam. A reportagem “Fome Oculta – parte 1” da Agência Pública (FOME OCULTA – PARTE 1, 2018) retrata famílias que se encontram em situação de INSAN e o documentário “Garapa” – Downtown Filmes, dirigido por José Padilha (GARAPA, 2009) mostra a vida de famílias que sofrem com a fome no nordeste brasileiro. O documentário “Garapa” e a música “Senhor Cidadão” foram essenciais no processo criativo, pois nos trouxeram reflexão e ampliação sensorial sobre o tema, na percepção de que a fome e a INSAN, por mais que não sejam expostas e visíveis à sociedade, principalmente em regiões mais centrais e mercantilizadas, ainda constituem realidade da maioria dos brasileiros.

Ao longo do processo criativo, a escrita surgiu utilizando-se da linguagem em terceira pessoa do singular para referir-se à fome, o que nos trouxe uma estética literária e nos permitiu a expressão do que não conseguiríamos sem o auxílio das lentes da arte. Tentamos evidenciar o pensamento de que: “por mais que tenhamos armas de combate à fome, sempre ELA estará em algum lugar”. Além disso, nosso cordel também

ganhou uma abordagem mais melancólica, provocando no interlocutor, uma reflexão acerca das várias matrizes impactadas pela ausência de alimento. A ausência de alimento é a abstração do direito de viver, é a omissão do colorido da vida, é a desatenção para com o próximo. Por fim, geralmente os cordéis são acompanhados das xilogravuras, porém, neste ensaio apenas os versos foram retratados e o design minimalista foi criado através do software Canva®.

Poesia sonora

O conceito de poesia sonora no Brasil foi apresentado de forma pioneira por Philadelpho Menezes, poeta, tradutor e ensaísta. Menezes buscou, nas vanguardas do começo do século XX, subsídios para o desenvolvimento de seus conceitos sobre poesia oral e poesia sonora (MENEZES, 1992) e, a partir daí, criou o que é definido como paideuma: “a organização do conhecimento para que o próximo homem ou geração possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar o mínimo tempo com itens obsoletos” (DICK, 2010), base para debater e desenvolver a poética da voz. Descreveu também o conceito de poesia sonora sendo apresentado por diversas definições e manifestações, tendo alguns pontos comuns em qualquer de suas vertentes como sendo um tipo de poesia oral, mas associada a uma característica especial: essencialmente experimental, significando que a poesia sonora se distancia claramente da poesia declamada (MENEZES, 1992).

Como modo de contextualizar, apreciar, questionar, interpretar e desafiar a realidade, foi novamente empregado o contexto da fome neste ensaio como proposta de expressão artística, tomando como base os aspectos de poesia sonora. Criamos a poesia sonora intitulada “Como tem fome? – pra quem tem pressa” (Figuras 2 e 3 e Quadro 1), para a qual também contamos com aplicabilidade da experiência artístico culturais mobilizadoras e inspiradoras.

Ao ouvirmos a canção infantil “Fome Come”, composta pelo grupo Palavra Cantada, no ano de 1998, entramos em contato com a temática lúdica da fome em um ambiente que ainda se tem a disponibilidade de alimento para escolha do que irá matar a fome. Por outro lado, a reportagem “A Pandemia da Fome”, do jornalismo TV Cultura, em 2020, nos trouxe informações que causam ou intensificam um estado de tensão.

A partir de então, temos a mescla da cantiga infantil, com seu aspecto lúdico, brincalhão, leve e o noticiário brasileiro, de linguagem opostamente tensa, em narrativa informativa, nos trazendo a fome novamente sob um contexto social e caótico, um contexto real e cruel. Os instrumentos de inspiração nos proporcionaram sensações opostas e complementares, que nos fundamentaram ao longo do processo de criação da poesia sonora.

Figura 1 – Cordel “Me diga por quê?”
Autores (2021). *A imagem de fundo foi construída com recursos gratuitos fornecidos pelo software Canva®.

Cordel

Me diga por quê?

O dia acabou, mas ELA não.
O sono chegou e ELA não se foi.
Talvez se eu fechar os olhos, eu não a verei.
Se eu a ignorar, ELA não desaparece?
"Todo mundo devia comer", ela disse
Eu como ou alimento?
Me diga por quê?

ELA não voltou, ELA nunca se foi.
Invisível para alguns,
Visível para outros.
O problema de muitos,
Ignorada por poucos.
Me diga por quê?

Me diga por quê?

O hoje é certo, o amanhã duvidoso.
Posso ter hoje, mas e amanhã?
Posso não ter hoje, como faço para ter amanhã?
Não ousou querer muito, apenas quero.
Me diga por quê?

ELA vai chegando, chega sem avisar.
Ai se eu pudesse, não deixaria ELA entrar.
Eu não consigo ver, ELA não precisa falar.
Eu sempre soube, ELA está em todo lugar.

Me diga por quê?

Porque o passado me assombra e
Diante de todos esses traumas,
Quem me persegue é minha sombra.
Porque de toda a minha alma,
Perdeu-se de mim a calma.
ELA está em todo lugar.
Nunca saberei o porquê.

O que mais preciso para me libertar DELA?
Viver um dia de cada vez?
ELA venceu outra vez.
Me diga por quê?
Afinal, você tem FOME de quê?



Figura 2 – Sequência de imagens que compõe a Poesia Sonora “Como tem Fome? – pra quem tem pressa” Autores (2021).



Figura 3 – Sequência de imagens que compõe a Poesia Sonora “Como tem Fome? – pra quem tem pressa” – continuação Autores (2021).

Resultados e reflexões

Quadro 1 – Link para acessar ao vídeo contendo a Poesia Sonora “Como tem Fome? – pra quem tem pressa” na íntegra, por meio de canal do YouTube®

Confira a Poesia Sonora “Como tem fome? – pra quem tem pressa” na íntegra

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4OIfU4y8IvU&ab_channel=VitoriaMariadeOliveira

(A poesia sonora encontra-se em vídeo produzido e publicado no YouTube® em 2021.)

Autores, 2021.

Reflexões sobre o processo de criação

A fome nunca foi extinta de fato, portanto não podemos considerar que ela tenha “retornado”. Este é o princípio, o ponto de partida pelo qual devemos avançar. E é por tal motivo que se faz necessário estudar direitos básicos do ser humano, infelizmente violados com frequência.

Em meio a tais observações, a ideia de um relato se fez proveitoso, um tema tão “duro” como este, abordado de forma crítica, mas também artística, pois a arte também é uma forma de confronto, até mesmo para o próprio artista. Para tanto, muita pesquisa nos foi necessária, assim como aguçar os sentidos, afinal de contas, como falar da fome sem nos sensibilizarmos? Costumamos não entender a fundo o que não nos afeta diretamente, por mais que nos esforcemos, por vezes somos alheios às questões que nos rodeiam e não nos doem no pensar, pois não acessamos o sentir. Então, é desafiante aprofundar, refletir, explorar, pesquisar e nos chocar e ainda, por vezes pausar, para assim acessarmos o sentir e conseguirmos refletir que não há um de nós sequer, que a fome não possa atingir.

No caso da arte, trazemos o belo, a arte tem a beleza imagética, e não há neste mundo uma obra de arte “não bela”. A arte se expressa pelo artista, precisamos de artistas para nos trazer arte, precisamos de gente que se arrisque a nomear a própria obra de “arte”, precisamos reconhecer a nossa arte. Recordando Ocvirk et al., (2014), qualquer que seja a habilidade criativa, pode ser considerada arte, e esta pode ser expressa de diferentes formas.

A estreita relação do homem com o alimento durante a história, a evolução de tal processo, já se estabelece como uma belíssima obra de arte, se analisarmos toda a evolução das habilidades por nós adquiridas, somos todos artistas. Ao transformarmos um alimento qualquer que seja, nutritivo ou não, em palatável, atrativo, modificando suas características para fazer caber às nossas necessidades, sejam elas fisiológicas ou de prazeres, somos grandes artistas, sem dúvida alguma.

Temos talento na arte e arriscamos dizer que precisamos tanto da arte como da comida e, ao considerarmos que a comida preparada é obra de arte, temos na alimentação a morte da fome e a morte da fome é arte. Não há vida sem alimento, não há arte sem artista e não há comida sem arte, portanto falar da fome através da arte é deixar fluir duas necessidades básicas do ser humano, a necessidade de comer e a necessidade da arte.

Considerações finais

O processo de construção das obras apresentadas foi enriquecedor de diversas formas, onde foi possível atestar nossa sensibilidade como seres humanos, como autores e como artistas. O desafio de produzir qualquer que seja o material, traz a responsabilidade de dominar o que está sendo produzido e sustentar as próprias inspirações quando questionado. Um artista, assim como um cientista, com certeza é questionado, por diversas vezes, em relação à sua criação.

A fome é um tema que deveria ser discutido mais do que é esquecido, infelizmente ela ainda habita na realidade de milhões de brasileiros e a INSAN, por sua vez, invade o dia a dia de mais da metade da nossa população. Ainda assim há pouca luz sobre a fome, assim como há pouco diálogo e discussão. A luta pela igualdade social é dever de todos nós, mas antes é preciso que todos conheçamos nossos direitos, afinal, como lutar por algo que não conhecemos? A fome tem pressa, não é um assunto a se esperar, a fome massacra, a fome quer sempre nos pausar. Que nestes momentos de pausa, possamos olhar para fome reprogramando as lentes. Façamos arte! Busquemos impulso, encaremos a fome! Lutemos!

Referências

- aBRANDH – Associação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos. *O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional* / organizadora, Marília Leão. Brasília: ABRANDH, 2013. 263 p.
- AMON, D.; MENASCHE, R. *Comida como narrativa da memória social*. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i1.4467. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/4467>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- ASSIS, R. A.; TENORIO, C. M.; CALLEGARO, T. *Literatura de cordel como fonte de informação*. CRB8 Digital, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9920>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- BAHIA, Sarah. *Constrangimentos à expressão artística*. REVISTA IBERO-AMERICANA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTES. ISSN 1647-0508. Dez. 2009. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2698/1/Sara%20Bahia_invisibilidades_opdf.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.
- BIESDORF, R. K. *Arte, uma necessidade humana: função social e educativa*. Itinerarius Reflectionis. Goiânia, v. 7, n. 1, 2012.
- BRASIL. CONSEA Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. *Lei de Segurança Alimentar e Nutricional*. LEI Nº 11.346, DE 15 DE SETEMBRO DE 2006. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>. Acesso em: 03 de julho de 2022.
- BRASIL. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Literatura do Cordel*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1943>. Acesso em: 13 de julho de 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p
- CASTRO, J. *Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)*. 10a Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1984.
- COVALESKI, R. L. *Artes e comunicação: a construção de imagens e imaginários híbridos*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 89-101, dez. 2012.
- CHIBENI, Silvio Seno. *O que é ciência? Textos Didáticos*. Departamento de Filosofia, IFCH, Unicamp, SP. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf> Acesso em: 21 jul. 2022.
- DA MATTA, Roberto. *Sobre o simbolismo da comida no Brasil*. Correio da Unesco, v 15, n. 7. 1987. (O sal da Terra – Alimentação e Culturas)
- DICK, André Dick (Org.). *Paideuma*. São Paulo: Risco Editorial, 2010.
- FOME OCULTA (PARTE 1). Direção: Thiago Domenici. Produção de Agência Pública. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://apublica.org/video/2018/09/fome-oculta/>
- GARAPA. Direção: José Padilha. Produção de Zazen Produções. Brasil: Downtown Filmes, 2009.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. (16ª edição). Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2000. 1076 p. 9788521636670.

GOMES, A.; SILVA, H.; MONTE-MÓR, R. *Amazônia – editorial*. *Rev. UFMG, Belo Horizonte*, v. 28, n. 3, p. 2-29, set./dez. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: análise da segurança alimentar no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101749.pdf>>. Acesso em: 14 de julho de 2022.

Jornal da Cultura. Pandemia da fome: 36% dos brasileiros dizem ter comido menos durante a crise. YouTube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jbDrL6dScME>>

MACIEL, E.M. *Olhares antropológicos sobre a alimentação. Identidade cultural e alimentação*. In: CANESQUI, AM.; GARCIA, RWD. orgs. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p.

MENEZES, Philadelpho. *Poesia Sonora – Poéticas Experimentais da Voz do Século XX*. 1ª edição. EDUC, 1992.

MORIN, E. (1966). *El Espirito del Tiempo*. Madrid: Taurus Ediciones.

OCVIRK, Otto G.; STINSON, Robert E.; WIGG, Philip R.; et al. *Fundamentos de Arte*. (12ª edição). Porto Alegre: Grupo A, 2014. 328 p. 9788580553765.

ONU BRASIL – Organização das Nações Unidas Brasil. *Os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil*. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: 31 ago, 2023.

PERES, S.P.; TATIT, P.; TATIT, L.A.M. *Palavra Cantada. Fome come. Álbum Canções Curiosas*. 1998. (3 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-G10zGVDdzI&t=104s>> Acesso em: 21 jul. 2022.

PREISS, Portira V.; SCHNEIDER, Sergio. *Sistemas alimentares no século 21: debates contemporâneos [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 360 p.

REDE PENSSAN – Rede de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil [livro eletrônico]: II VIGISAN, 2021: relatório final*. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. *Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos*. *Saúde e Sociedade*. v. 12, n. 1, p. 51-60, jan-jun, 2003.

YANOMAMI, D.K. *Vocês falam economia, né? Economia é comida! Nē ropē, nē ropē a! Encontro com Davi Kopenawa Yanomami*. Apresentação e transcrição: Wesley Cantelmo. *Revista da UFMG, Belo Horizonte*, v. 28, n. 3, p. 31-55, set./dez., 2021.



